



**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIMAUÁ
CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

EDCHARLES SEVERIANO DA FONSECA

**Contribuições psicanalíticas do clássico ao
contemporâneo sobre o entendimento do ciúme e seus
desdobramentos**

Taguatinga – DF

2021

EDCHARLES SEVERIANO DA FONSECA

**Contribuições psicanalíticas do clássico ao
contemporâneo sobre o entendimento do ciúme e seus
desdobramentos**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
elaborado como requisito para obtenção
do Título de Bacharel em Psicologia, sob a
orientação da Professora Bianca da
Nóbrega Rogoski

Taguatinga – DF

2021

Artigo de autoria de EDCHARLES SEVERIANO DA FONSECA, intitulado “CONTRIBUIÇÕES PSICANALÍTICAS DO CLÁSSICO AO CONTEMPORÂNEO SOBRE O ENTENDIMENTO DO CIÚME E SEUS DESDOBRAMENTOS”, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia do Centro UniMauá, em 05/11/2021, defendido e aprovado pela seguinte banca examinadora:

Bianca da N. Rogoski

Prof.(a) Bianca da Nóbrega Rogoski

Professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário UniMauá

Mgmartins

Prof.(a) Msc. Meg Gomes Martins de Ávila

Coordenadora do Curso de Psicologia do Centro Universitário UniMauá

Elen Alves dos Santos

Prof.(a) Doutora Elen Alves dos Santos

Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as vítimas de crimes passionais.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, devo agradecer a Deus por ter me concedido o dom da vida, ter me dado a graça de concluir mais uma graduação e que hoje me concede finalizar cinco anos de muita luta em busca do sonho de ser psicólogo.

Agradeço ao meu filho Pedro Henrique, por me fazer entender que a vida pode ser vista de vários ângulos e compreender minhas ausências.

Agradeço a minha mãe, Maria Cleide da Fonseca por jamais deixar de acreditar em mim, enquanto pessoa e profissional, que com entusiasmo sempre esteve do meu lado.

Ao meu esposo Marcos Antônio Pereira Aragão que, com bravura e entendimento, sempre me apoiaram mesmo nos momentos que consideramos difíceis durante o curso e a pandemia que assolou o mundo.

Quero de maneira particular agradecer aos meus colegas, por terem estado juntos comigo, partilhando de momentos ímpares de conhecimento e reciprocidade.

Agradeço também as professoras Dílcia e Dalma as quais sempre estiveram preocupas e atentas as nossas solicitações, buscando melhorias para o centro universitário.

Agradeço a nossa coordenadora Meg Gomes, a qual, com bravura, organizou o curso e lutou para elevar o mesmo ao nível de um centro universitário.

Agradeço ainda, à minha orientadora, Bianca da Nóbrega Rogoski, que com o seu espírito de despojamento, mesmo em meio a uma pandemia, não desanimou ou deixou de realizar seu belo trabalho com acolhimento e responsabilidade.

Agradeço por fim, a todos os professores que durante esses cinco anos estiveram nos encorajando e transmitindo de maneira tão maravilhosa seus ensinamentos.

Como ciumento, sofro quatro vezes: porque sou ciumento, porque me reprovoo em sê-lo, porque temo que meu ciúme magoe o outro, porque me deixo dominar por uma banalidade. Sofro por ser excluído, por ser agressivo, por ser louco e por ser comum.

Roland Barthes

CONTRIBUIÇÕES PSICANALÍTICAS DO CLÁSSICO AO CONTEMPORÂNEO SOBRE O ENTENDIMENTO DO CIÚME E SEUS DESDOBRAMENTOS

Edcharles Severiano da Fonseca¹
Bianca da Nóbrega Rogoski²

RESUMO

O presente artigo, tem como tema o sentimento do ciúme e suas formas patológicas: amor ou possessão, sentimento ou paranoia. Busca-se a partir da visão da psicanálise investigar os desdobramentos que tal sentimento causa na vida do sujeito. Tendo como objetivos apresentar, de forma clara e objetiva, o ciúme como sendo um sentimento intrínseco e normal, quando manifestado de forma saudável dentro das relações humanas. Propõe-se ainda expor que este mesmo sentimento pode se tornar perigoso e capaz de produzir prisões, obsessões e até morte quando este se mostra de forma a se tornar uma paranoia. Desta forma conclui-se que é um sentimento inato, mas que pode ser modificado de acordo com a visão do sujeito, também se verifica desde as relações antigas até as contemporâneas apresentando as várias faces do ciúme e seus desdobramentos na vida do sujeito.

Palavras - chaves: Ciúme. Ciúme normal e patológico. Sujeito. Psicanálise.

ABSTRACT

This article has as its theme the feeling of jealousy and its pathological forms: love or possession, feeling or paranoia. From the perspective of psychoanalysis, the aim is to investigate the consequences that such feeling causes in the subject's life. Aiming to present, in a clear and objective way, jealousy as an intrinsic and normal feeling, when

¹ Graduando do curso de Psicologia do Centro Universitário Mauá de Brasília - UniMauá. edcharles.severiano@gmail.com

² Professora do curso de Psicologia do Centro Universitário Mauá de Brasília - UniMauá. Especialista em terapia-cognitivo comportamental. Mestra em ciências do comportamento pela Universidade de Brasília - UNB. Rogoski.bianca@gmail.com

manifested in a healthy way within human relationships. It is also proposed to expose that this same feeling can become dangerous and capable of producing arrests, obsessions and even death when it shows itself to become a paranoia. Thus, it is concluded that it is an innate feeling, but that it can be modified according to the subject's view, it is also verified from old to contemporary relationships, presenting the various faces of jealousy and its consequences in the subject's life.

Keywords: Jealousy; Normal and pathological jealousy. Subject. Psychoanalysis.

1. INTRODUÇÃO

Como definir o ciúme? Pode-se entender o ciúme como um sentimento de complexidade extrema. Um sentimento capaz de expor o sujeito a variações comportamentais, instabilidade de personalidades e reproduzir atitudes muitas vezes vergonhosas, quando este aflora em meio a um evento social, por exemplo. O ciúme é um sentimento como qualquer outro, inato ao sujeito ou aprendido durante o processo de desenvolvimento cognitivo e formação da personalidade humana. (Freud, 1920; Klein, 1940; Lacan, 1953/1954; Viorst, 2019;).

O ciúme por si só é capaz produzir um efeito catastrófico ao sujeito, desnudando a couraça social e o papel que este assume dentro da sociedade e cultura, geralmente produzindo comportamentos extremos. Alguns comportamentos são capazes de ridicularizar as pessoas que conseguem expressá-lo e demonstrando os conteúdos mais obscuros que existem no inconsciente humano. É um sentimento que pode produzir desejos, fraquezas, medos, infortúnios e insucessos. Ele surge sempre que o indivíduo percebe não ser a prioridade, ou uma escolha única da vida do objeto amado.

É importante entender que o ciúme é uma variável psicológica e se manifesta dentro de toda e qualquer relação humana, não somente nas relações de casais, mas em todos os tipos de relacionamentos. O ciúme entre casais é apenas um tipo, ao qual se denomina de ciúme romântico dentro da literatura sobre o ciúme, conforme descreve Ballone (2016).

O ciúme pode reproduzir uma relação imprecisa de confiança, liberdade, fraqueza e crenças, o que o torna disfuncional, quando este passa a ser denominado de ciúme patológico. O ciúme patológico se apresenta como uma patologia capaz de

produzir desconforto, descontrolo e dependência emocional, possessão e até mesmo paranoia, que pode evoluir para um crime passional. É preciso compreender que o ciúme patológico também aparece dentro de todas as relações afetivas: irmãos, mãe e filho, animais de estimação e claro, dentro das relações entre esposos, sendo este o mais comum, conforme descrição de Ballone (2016).

Os ciumentos patológicos, são caracterizados por suas impulsividades, cobranças excessivas, busca por confissões de traição que não existem. Esses fatores, ao invés de trazerem prazer a relação, acabam por transformar a situação do outro que convive com o ciumento em uma perturbação constante, uma verdadeira inquisição. Percebe-se que o ciumento patológico, faz visitas sem convite e surpresas em busca de uma traição, telefonemas constantes e preocupações em excesso sobre o passado de seu companheiro, quando se trata do ciúme romântico. (BALLONE, 2010)

A psiquiatria, de acordo com Ballone (2016), considera o ciúme patológico uma preocupação em relação aos riscos envolvidos e sentimentos em excesso, capazes de realizar uma tragédia com o objeto amado. Continuando com as postulações de Ballone, a psicopatologia, entende o ciúme patológico a partir do DSM - V que o classifica como um sintoma de outros transtornos, apontando o mesmo como um sintoma de transtorno obsessivo compulsivo, conforme descrição de Freud (1920), sobre as repetições, estabelecendo o mesmo como um transtorno delirante e dá uma subclassificação. Freud (1920), considera o ciúme delirante como a infidelidade imaginada capaz de sofrer desdobramentos inclusive em crimes passionais, conforme exposto dentro do trabalho.

O objetivo geral do trabalho é compreender, a partir da contribuição de autores clássicos da psicanálise, as repercussões e desdobramentos do ciúme patológico nas relações humanas contemporâneas, bem como confrontar autores contemporâneos com os autores clássicos, buscando compreender o entendimento de ambos. Para tanto busca-se realizar uma revisão narrativa da literatura psicanalítica sobre o ciúme; elucidar as visões de Freud, Klein e Lacan sobre o ciúme; compreender a contribuição da psicanálise em relação às exacerbações do ciúme nas relações humanas e interligar as modificações dos processos psicológicos do sujeito ao ciúme.

2. ENTENDENDO O CIÚME

Compreende-se ciúme como um sentimento natural, intrínseco, ao ser humano, assim como também é o amor, a tristeza, a alegria. Porém, o ciúme deixa de ser algo bom e saudável e pode tornar-se patológico, quando o sujeito descobre não ser a única pessoa que faz sentido na vida do outro, ou seja, do seu objeto de desejo. A partir deste momento é chamado de ciúme patológico ou delirante (BALLONE, 2016).

Entende-se que no ciúme patológico o amor que deixa de ser um sentimento sadio e prazeroso, onde existe o cuidado e a liberdade e se transforma em uma prisão, em que o objeto amado deixa de representar confiança, passando a ser uma relação de desconforto, desprazer, culpa e buscas incessantes de encontrar uma traição, neste caso, o ciúme romântico (BALLONE, 2016). Para o autor, o sentimento do ciúme se torna uma emoção universal nas relações humanas.

De acordo com Ballone (2016), em um estudo, sobre o ciúme, o sentimento se apresentou como experimentado por 100% da população estudada, afirmando que sentem e expressam tal sentimento em dado momento da vida. Mas, destes entrevistados, apenas 10% consideraram o ciúme como capaz de causar conflitos em suas relações ou atrapalhar de forma considerável seus relacionamentos.

A partir da exposição do autor, Ballone (2016), é questionável ao ser humano sobre o conhecimento do sujeito em relação à potencialização do ciúme patológico. Seria o ser humano capaz de apresentar estes sentimentos como um defeito seu ou o mesmo inibe tais reações diante do meio social com medo de julgamentos? A desejabilidade social, ocorre por muitas vezes pelo medo do julgamento dos outros, fazendo com que o sujeito acabe por tomar decisões a partir do enviesamento e desejo da maioria, por medo de repressões. (Almiro, 2017). Freud (1922), também falou sobre a questão da desejabilidade social quando interpôs as questões ligadas ao homossexualismo em que considerando a escolha do objeto não é totalmente satisfeita, uma vez que há medo por parte do sujeito de que o grupo não aceite.

Quem nunca ouviu falar no clássico da literatura infantil: Branca de Neve e os sete anões? Conforme Bettelheim (1903/1994), foi o ciúme patológico, que agiu em função da rainha, transformando sua egocentricidade em ódio, raiva e inveja, os quais deram coragem e motivação para que a mesma pedisse a morte de Branca de Neve.

Uma atitude de extrema crueldade, motivada por ciúme. Bettelheim (1903/1994), expõe os conteúdos do inconsciente humano como a parte obscura do amor, fazendo uma ligação entre o complexo de Édipo. Assim, sendo a donzela afeiçoada ao pai, atraiu o ciúme da rainha. A partir da visão do autor, é possível ver

de diversas formas a materialização do ciúme como destruidor das relações humanas. São irmãos que se odeiam, filho que odeia o animal de estimação porque tira a atenção que deveria ser destinada a ele, a mãe que tem predileção por um dos filhos e quantas esposas sentem ciúmes do futebol que toma seu lugar.

Bettelheim (1903/1994), segue afirmando que o Édipo é uma fase de complexidade e descobertas, capaz de produzir eventos catastróficos durante o curso do desenvolvimento e amadurecimento do sujeito. Ele traz o Édipo como uma fase de transformações, em que o sujeito busca no seu genitor, o ego ideal, ou seja, aquele que seria o amor de sua vida, o seu maior objeto de desejo que logo deve ser reprimido por normas e condutas sociais.

Freud (1920/1922), apresenta seu entendimento de ciúmes, expondo os fatores inconscientes do sujeito, corroborando com a ideia de Bettelheim (1903/1994), o autor cita: “Se alguém parece não o possuir, justifica-se a inferência de que ele experimentou severa repressão e, conseqüentemente, desempenha um papel ainda maior em sua vida mental inconsciente” (FREUD, ([1922] 1976, p. 271). A ideia de Freud, esclarece que o ciúme, é conteúdo reprimido do sujeito, o qual assume, em determinado momento da vida, uma materialização dominadora que pode se transformar em um sentimento delirante. O autor vai um pouco mais longe e considera que o ciúme é capaz de personificar-se em uma pulsão de morte.

Para Freud (1930), a pulsão de vida é estabelecida a partir das relações sexuais, e a pulsão de morte nasceria do sentimento exacerbado do amor, quando o homem deixa encontrar em si o prazer e vai em busca de uma resposta de satisfação em seu mundo externo, ou seja, busca satisfazer suas repressões a partir da imagem do outro. Desta forma, Freud conclui que o Édipo estimula o ego a se ligar ao seu primeiro amor, neste caso, o genitor, sendo este também o seu primeiro laço libidinal, e complementa seu argumento, dizendo que o amor infeliz, não sendo satisfeito, pode culminar em um crime.

Conforme Viorst (2019), foi o livro do gênesis, e não Freud que trouxe a concepção do ciúme enquanto sentimento inato ao ser humano e as pulsões de vida e morte já estão atreladas a este sentimento. Ou seja, seria uma proporção, em que o amor está para a vida, assim como o ciúme está para a morte. A autora enfatiza que a inveja e o ciúme foram o gatilho para o que se considera o primeiro crime na face da terra, a partir de uma visão cristã, em que Caim matou Abel por ciúme e ira, apenas por ele ser o predileto de seu senhor e ofertar as melhores coisas que produzia. Viorst

(2019), assim como Freud, estabelece que, o amor é um sentimento que se torna uma ponte, ligando um eu separado de outro eu separado.

A autora ainda considera o ciúme, como um bloqueio, quando se descobre que o amor desejado não é somente seu, retornando à teoria de Ballone (2016). Por fim, Viorst (2019), estabelece que nas relações entre irmãos não existe amor, pois ambos dividem o amor do mesmo objeto, do mesmo ego ideal e que a simbiose entre o filho e a mãe é o primeiro contato com o sentimento do ciúme.

Por sua vez, Ballone (2010), estabelece que o ciúme patológico, é uma imagem obscura e assume uma posição de domínio da personalidade humana, possuindo o campo racional, capaz de retirar todos os sentimentos bons do sujeito, transformando-os em sentimentos de posse. O autor infere que o ciúme expressa muito mais amar a si mesmo, o que considera fruto de um egocentrismo, do que amor ao outro. Considerando, assim, que o sofrimento do ciumento acaba por ser em razão de o mesmo não poder dominar ou saber o que pensa o objeto amado.

Em contra partida, Ballone (2010) expressa que quando em seu estado normal, o ciúme é transitório, e que se manifesta apenas como um sentimento de medo de perder o objeto amado. Todavia não é capaz de fazer mal ao outro, ou causar sofrimento a si e ao objeto amado, ou àqueles que participam de sua vida cotidiana. Retornando suas concepções em torno do ciúme patológico, o autor ainda infere que este, pode possuir fatores genéticos de personalidade atrelados a si.

Sobre a questão do sofrimento relacionado aos vínculos amorosos, Riso (2010), afirma que em relações ciumentas, o amor se faz presente sim. Para o autor, existe um entendimento de desamor, ou seja, o amor não sabe expressar o cuidado de forma correta. Ele idealiza que este ciúme se apresenta como uma comprovação de amor através do sofrimento psíquico, que contrapõe Ballone (2010), ao estabelecer a obscuridade do sujeito e Freud (1920), quando infere a pulsão de morte.

Não obstante, Riso (2010), considera o ciúme como fruto de uma obsessão ou paranoia, ou mesmo de sadismo, conforme postulações freudianas quando este justifica a dor a si e ao outro como forma de zelo, justificando assim, o cuidado excessivo, comportamentos agressivos ou ainda violentas situações sobre o objeto a espera de uma traição que é fruto apenas de seu psiquismo doente.

De acordo com Riso (2010), ao paranoico todas as explicações são insuficientes e sem sentido, e a desconfiança não é do outro que diz amar, mas de si mesmo. O ideal a este tipo de ciumento é manter o controle da vida do outro,

aprisionando dia após dia o seu objeto amado, como um troféu intocável. Uma vez que há a negação do parceiro em relação a não aceitar ser mandado, oprimido ou se render aos desejos arbitrários, já se torna uma suficiente confissão de traidor, desleal, o que por conseguinte satisfaz seu ego em relação a confirmação de sua certeza, culminando na manifestação real do que antes seriam apenas suspeitas.

2.1. A visão de Freud

Freud (1920/1922), estabelece que os processos psicológicos, podem se transformar em fenômenos paranoicos, neuróticos ou obsessivos-compulsivos. O autor, expõe a ideia de que, no caso de pessoas neuróticas, existem repetições, as quais ocorrem também dentro das relações humanas. Ele elucida essa repetição fazendo uma comparação de repetições entre os amantes, nas quais é comum que repetem os mesmos erros, com fases semelhantes, às quais chegam ao mesmo resultado. Neste caso, o autor infere que os compulsivos acabam por satisfazer seus desejos a partir de repetições de comportamentos, os quais consideram prazerosos e agradáveis. Não obstante, Freud (1920/1922), relata que o ego reproduz através da transferência, a satisfação instintual do princípio do prazer.

Aqui é possível apresentar claramente a visão do ciumento delirante em relação ao seu objeto de desejo. O mesmo estabelece uma relação de domínio e repressão, capaz de reproduzir sentimentos como ser dono do outro, dos anseios e da vida, capaz, inclusive de tomar as decisões em lugar do outro, com o intuito de proteger o seu bem amado. Sendo assim o desejo de amor, acaba por ser satisfeito pelo prazer de ser dono do outro e tomar suas decisões (FREUD, 1920/1922).

O ciúme acaba por ser considerado um instinto de defesa que interpretado como cuidado, expresso em atitudes controladoras. Aqui, Freud (1920/1922), estabelece que a pulsão de vida se apresenta na essência do ser humano. Considera que os instintos de vida ocorrem em uma atividade comum da célula em responder ao desejo libidinal do organismo, enfatizando que o Eros, dos poetas se transforma, para a psicanálise, nos instintos sexuais do sujeito. O autor considera ainda que as neuroses são frutos das frustrações do ego em relação ao objeto amado. Ou seja, quando se trata de ciúme, este, busca satisfazer no outro seus instintos do ego, haja visto este ser entendido como o reservatório primário do desejo libidinal.

Freud (1920/1922), ainda assevera que havendo uma pulsão de vida no homem, existe também uma ambiguidade dentro de si, a qual considerou como uma pulsão de morte, sendo estas opostas e conectadas aos sentimentos do amor e do ódio, respectivamente. Com esta afirmação, o autor considerou que o homem é capaz de produzir o amor, que é um sentimento prazeroso, mas também é capaz de produzir o seu ambivalente, que é o ódio, ou neste caso, assemelha-se ao ciúme, pois é considerado como derivação da pulsão instintual do amor, como forma de satisfação do ego.

Freud (1920/1922), apresenta o sadismo como forma de sofrimento que produz prazer e afirma que o sadismo pode se transformar em uma forma de amor perversa, considerando a perversão uma distorção do sentimento, capaz de modificar o comportamento sexual do indivíduo. O autor estabelece de forma clara que este sofrimento dispende do Eros (amor), considerado o conservador da vida, surgindo em relação ao objeto amado e estabelecendo uma conexão entre os impulsos de morte e a compulsão. Freud, considerando que o eu ideal é um produto da identificação do sujeito com os seus vínculos amorosos, expressa que neste tipo de paranoia, o sujeito acaba por supervalorizar o objeto amado, pondo-o, inclusive acima de seu ego, conforme expõe na citação que se segue:

O amor admite não apenas um, mas três opostos, além da antítese 'amar-odiar', existem a outra de 'amar- ser amado', além destas o amar e o odiar, considerados em conjuntos são opostos da condição de desinteresse ou indiferença, a segunda dessas, três antíteses, amar- ser amado, corresponde exatamente a transformação da atividade em passividade e pode remontar a uma situação subjacente, da mesma forma que no caso da pulsão escopofílica. Essa situação é a de amar a si próprio, que consideramos como sendo o traço característico do narcisismo, então conforme o objeto ou o sujeito seja substituído por um estranho, o que resulta é a finalidade ativa de amar ou passiva de ser amado, ficando a segunda perto do narcisismo (FREUD, 1915/1996, p. 138).

Para Freud (1920/1922), não existe no interior do sujeito apenas as pulsões de vida e morte, mas o desinteresse ou indiferença, considerando que o desinteresse é também um sentimento dispendido a quem não se gosta e que a indiferença é um sentimento que torna o outro nada significativo. Entende-se daí, como se não existisse nenhum tipo de cuidado ou preocupação ou ainda de desejo em relação ao outro. Isto ocorre quando uma pulsão particular, a qual consiste em determinar ao ser humano, um olhar introvertido, capaz de reproduzir na personalidade do sujeito traços narcisistas.

Freud, (1925/1926), também considera que as repressões sociais são capazes de desconstruir personalidades e aprisionar os desejos das pulsões sexuais como forma de mostrar resultados satisfatórios em prol do outro, mas não apresenta um significado real em relação a si mesmo, tornando-se por muitas vezes compulsivo e obsessivo. O autor estabelece as relações primárias, entre familiares, ou seja, pai, mãe e irmãos como aquelas que atribuem valores de extrema importância, as quais alcançam na vida do sujeito influência singular, que chamou de psicologia de grupo.

Dentro do contexto da psicologia de grupo, Freud (1925/1926), considera que as características apreendidas pelo sujeito se tornam conteúdo do inconsciente, capazes de produzir um comportamento ou atitude consciente. Parafraseando o autor, os processos psicológicos ocorrem por meio de influências não somente internas, como é o caso da personalidade, mas também das influências externas, as quais o autor especifica como o meio social e cultural em que está inserido o sujeito.

Partindo do princípio de que a psicologia grupal é o meio pelo qual o sujeito torna-se uma variante para o outro, o vetor que relaciona o sentimento do amor ao ciúme e o objeto amado e os fenômenos amorosos construídos pelo indivíduo a partir dessas influências. Entende-se, portanto, que a busca fatídica pelo ego ideal, o qual irá satisfazer a realização de seu desejo libidinal reprimido no inconsciente, é o objeto amado (FREUD, 1925/1926).

A partir daí, podem surgir, dentro das relações, muitas frustrações, pois o sujeito busca no outro a perfeição que seria o que lhe completaria como ser humano. Quando não realizado da maneira esperada, ou o amor não é retribuído na quantidade que foi idealizada, o outro se torna então fruto de uma perseguição, a qual se caracteriza muitas vezes como uma compulsão, ou ainda psicose, que é o ciúme delirante (FREUD, 1925/1926).

Ainda relacionado às concepções aprendidas sobre no grupo, Freud (1925/1926), critica o que se considera como sendo amor, pois para o autor, existe uma gama de possibilidades de ele apresentar-se. Além disso, questiona se o amor aprendido com conceitos culturais se assemelha ao amor em sua essência, ou se o mesmo pode ser confundido com tantos outros fenômenos amorosos.

Ao questionar os conteúdos aprendidos, o autor quer dizer que as descobertas devem ser realizadas a partir da observação dos estímulos externos, neste caso das construções da psicologia de grupo, as quais o sujeito está ligado. Para Freud, as relações, independentemente de qual seja, ao tratar de laços afetivos produzem

sentimentos contrários ao amor, ou seja, que há sempre um sentimento ambíguo, estabelecendo as repressões como causa, pontuando que há uma barreira entre o amor, e que o próprio sentimento do amor, consegue identificar o objeto como aquele que produz bondade ou maldade a si. (FREUD, 1920/1922).

Para Freud (1930), a libido assume o papel de satisfação vital do ser humano, haja vista que, desde a primeira relação de afeto, é a libido que endossa o desenvolvimento humano em prol do seu ego ideal. A partir da visão do autor, as relações surgem como heterossexual, homossexual, dessexualizado ou reprimido, entendendo que pela repressão do grupo, o sujeito sublima o seu desejo e se torna capaz de deixar de produzir relações afetuosas.

É através do entendimento do complexo de Édipo que o autor infere a identificação com objeto amado como a maior de todos os laços afetivos. É como se este fosse o mais sublime, pois o ego ideal, aqui, representa o primeiro amor, no caso a mãe e o genitor, o seu maior inimigo. Verifica-se novamente sentimentos distintos, amor pela mãe e ódio e ciúme do pai. O autor também considera que o Édipo possui sintomas característicos de uma neurose. A partir disso, é provável que esta neurose, ora reprimida na dissolução do complexo, possa novamente aflorar durante o desenvolvimento adulto, sendo assim chamado de ciúme delirante ou obsessivo (FREUD, 1920)

O entendimento do ciúme para Freud (1921), pode começar no amor narcisista, quando este supervaloriza o ego. Desta forma, o indivíduo tem uma visão de perfeição de si mesmo, desviando os impulsos sexuais, para si e deixando o objeto em um segundo plano. As relações sexuais começam quando o ego dispensa a sua devoção a ele mesmo e quando esta devoção é expressada de forma exacerbada em função do ideal do ego.

Assim, o objeto amado se torna o alvo para a cegueira do amor, o que constituiria os crimes passionais, conforme citação: “A consciência não se aplica a nada que seja feito por amor do objeto; na cegueira do amor, a falta de piedade é levada até o diapasão do crime. A situação total pode ser inteiramente resumida numa fórmula: o objeto foi colocado no lugar do ideal do ego” (FREUD, 1921, p. 71). O autor acaba por expor que o ciúme depende da pulsão de vida, culminando na morte, quando não existe um limite do sujeito sobre os seus sentimentos.

Conforme entendimento de Freud (1921), o ciúme aparece como um sentimento inato ao ser humano, sendo comparado com o luto, inclusive. Ele

estabelece que o ciúme é conteúdo do inconsciente humano e que este desempenha um papel grandioso. O autor considera que o ciúme, para os processos psicanalíticos, se apresenta em três pilares, aos quais chamou a primeira camada de ciúme de normal ou competitivo, a segunda entendeu como ciúme projetado e a terceira camada ele chamou de ciúme delirante.

Sobre o ciúme normal, entende-se como o ciúme que não causa mal algum ao outro. É aquele que se conhece para apimentar a relação e, via de regra, todos gostam de alguém que demonstra um pouco de ciúme para mostrar que o outro é importante, que gosta de você. Nesta concepção do ciúme, inferem-se às questões de dor e sofrimento por medo de perder o objeto amado. Para Freud, este ciúme pode ser uma sombra da personalidade narcisista e se manifesta pela rivalidade e inimizade por aquele que considera capaz de lhe tirar o seu ego ideal e apesar de ser considerado normal, não é totalmente imaculado (FREUD, 1920/1922).

Sobre este tipo de ciúme, Freud (1920/1922), postulou que é o resultado das primeiras interações emocionais, originando-se no complexo de Édipo ou também nas primeiras relações entre irmãos primários, chamando a atenção para sua manifestação haja vista estabelece que geralmente o mesmo se apresenta nas relações bissexuais (claro que aqui Freud, está falando apenas da manifestação do ciúme normal dentro do amor romântico).

Sobre a segunda camada do ciúme, Freud (1920/1922), estabelece o ciúme projetado, trazendo à tona manifestações que se derivam de uma real infidelidade de um dos lados. Freud, então, considera que a imagem deste ciúme é o conteúdo das repressões inconscientes que se manifestam no afã de suprimir seu próprio erro e acaba por se mostrar como um sentimento de culpa. Para o autor, quando o ciúme se manifesta enquanto projeção, na vida do sujeito, pode ser entendido como um sentimento capaz de reprimir seus sofrimentos em meio ao caos que está passando. As pessoas que apresentam este tipo de ciúme, deve evitar-se as discussões nas relações por parte do objeto, em função de seu sofrimento psíquico, ou seja, não tocar em sua ferida.

Para a terceira representação do ciúme, Freud (1920/1922), postula delírios reais atrelados aos sentimentos, nomeando-o de ciúme delirante ou paranoico, postulando que o mesmo se apresenta a partir dos desejos homossexuais, que estão reprimidos no inconsciente do sujeito. A partir desta exposição, o autor expressa que o delírio que envolve esta representação aparece como uma defesa que se apresenta

como uma fórmula capaz de reprimir de forma veemente os desejos homossexuais. O autor expressa esta fórmula na seguinte citação: “Eu não o amo; é ela que o ama!”. (FREUD, 1922/1923, p. 274). Freud, ainda afirma que quando este tipo de ciúme está presente, é provável que sejam experimentadas as três camadas expostas.

Aqui, surge uma pergunta: onde estaria presente a paranoia dentro das representações do ciúme? Freud não somente expressa dentro do ciúme delirante as possíveis experiências paranoicas como assegura que a paranoia é a justificativa considerável que sacia o desejo homossexual, que se manifesta como crises de ciúme. Segundo o autor, é esta expressão, a demonstração da paranoia dentro do ciúme. Ocorrem as construções distorcidas e nestes devaneios, é possível encontrar reações como ver algo que não existe, a exemplo do homem que diz ter visto a esposa olhando para o outro homem, ou que ela está fazendo gestos para depois se encontrar com ele em outro momento (FREUD, 1920/1922).

A liberdade seria uma conquista de ser quem realmente o sujeito é. O ciúme representado nas pulsões de morte, ou seja, quando se torna patológico, funciona como uma forma de aprisionar e dominar o seu objeto de desejo e amor, o qual lhe transmite a vida, por meio de um sentimento de realização porque o objeto representa então a introjeção do ideal do ego (FREUD, 1920/1922).

Os comportamentos ciumentos paranoicos são dominantes, aprisionados, dispõe do outro como algo que é só seu, como se fosse dono, apresentando o mesmo aos outros como um troféu. O medo de perder justificaria o comportamento ruidoso, descabido e extravagante. A priori, a compreensão do sentimento de ciúme é de que o amor, conforme Freud postulou, é o componente que estabelece o vínculo com os desejos homossexuais e a paranoia quando apresentada, acaba por inverter o afeto em impulsos de ira contra o objeto amado (FREUD, 1920/1922).

Em (1911/1913), Freud, se utilizou de um caso clínico, Schreber, como explicação de uma paranoia, fruto de desejos sexuais implícitos e reprimidos. O autor escreveu sobre o caso de um paciente seu, a quem chamou de Schreber, ao qual, conforme descrição do autor, desenvolveu sintomas delirantes que acabou por se agravar e tomar uma forma paranoica, sendo tido por Freud, como uma apresentação de psicose. Bem, o caso de estudo refere que não houve nenhum prejuízo a capacidade psíquica do paciente, considerando que o paciente estava apto a retornar sua vida cotidiana, não sendo possível verificar qualquer tipo de anormalidade em seu discurso ou atitudes que o tornasse incapaz de ter uma vida social normal. Foi então

referido pelo autor, que os desejos homossexuais reprimidos, apareceram como uma paranoia, por haver uma repressão religiosa ligada a idealização do ego do paciente e não obstante, Freud, estabelece que o início desta paranoia começou ainda durante as repressões sofridas no complexo de Édipo.

Entender os processos humanos é um desafio grandioso para qualquer especialista do assunto. Dentro da clínica psicanalítica, Freud (1911/1913), assevera, que a realização dos desejos recalçados no inconsciente humano pode se apresentar na forma de ciúme, conforme se descreveu, as três camadas possíveis. Nas relações humanas, o que se espera, é sempre a possibilidade de haver uma harmonização em prol do amor perfeito, fato que iria transcrever a liberdade e o respeito pelo outro, onde ambos se unem para apresentar o melhor de si. A partir das representações do ciúme, pela visão de Freud, é possível compreender que o objeto amado, pode assumir o papel de uma figura que modifica a persona do sujeito. É a realização do ideal do ego, que encontra no outro as possibilidades de aprisionar como objeto de posse que lhe serve para realização dos desejos implícitos. Na visão de Freud, o ciúme é também essa satisfação da libido, através do inconsciente.

Conforme descrição de Forward e Buck (1992), o amor que se apresenta como uma obsessão não tem ligação com o que se compreende em termos de sentimento de amor. Os autores chamam a atenção para a preocupação da forma do amor, e asseguram que quando se está em um relacionamento obsessivo, deve-se, de fato, conhecer a pessoa com a qual se está relacionando, comungando com o pensamento de Freud (1920/1922), sobre a repressão do desejo inconsciente que se apresenta nos casos do ciúme obsessivo.

Considera-se que, neste caso de apresentação do ciúme, o amor é tão doentio a ponto de acreditar que somente a pessoa a quem ama é capaz de trazer para si a felicidade completa. Sugere-se inclusive que a rejeição em casos dos amores obsessivos é uma abertura para as fantasias singulares do amante possessivo, desnudando uma personalidade agressiva e tempestuosa, em busca de uma traição que, na interpretação do ciumento obsessivo, já existe, mesmo que nunca seja encontrado provas (FORWARD E BUCK, 1992).

Para Ferreira, (2004), o cenário do amor, sob a visão psicanalítica é constituído sempre a partir de dois pilares: (1) o amante, aquele que se apresenta como dominante na relação e (2) o objeto, o qual é a parte em que o amante busca colocar

em lugar do ego ideal. Para a autora, o objeto amado sempre é colocado no lugar de algo onde se busca preencher um espaço vazio.

Segundo Freud (1930), em seu trabalho o mal-estar da civilização, o amor é residente da psique humana, considerando que as intempéries cotidianas e as decepções durante o percurso da psicologia do desenvolvimento são responsáveis por transformar-se em atrocidades humanas, quando as repressões sociais do amor não podem se expor, o que a liberdade e a felicidade acabam se tornando utopia dentro dos relacionamentos afetivos.

Ferreira (2004), expressa, ainda, o amor como um radical que se difere do desejo, em que mesmo o desejo sexual que se apresenta como uma eloquente fantasia, é contrário ao sentimento puro do amor. Estabelece, assim, ligações as postulações de Freud, sobre as pulsões de vida e morte que residem na subjetividade do sujeito. O amor estaria sendo, para o amante, uma ferramenta que estabelece como escudo para disfarçar os impulsos de morte, que se encontram reprimidos dentro do seu inconsciente. Mas, a inércia do objeto amado pode torturar o amante que busca a satisfação incansável do seu ego ideal. As representações do desejo, na visão da autora, podem reproduzir as faces do ciúme que Freud apresenta na busca de uma realização constante de um ego ideal.

Já em 1905, Freud se utilizou de seus escritos para falar sobre o ciúme de uma jovem por seu pai, o qual acaba por irromper em uma paranoia. Neste caso, denominado Dora, Freud expressa que a paciente sentia um desejo reprimido por seu pai, o qual a fazia ter delírios, frutos de suas pulsões sexuais reprimidas. Para Freud, a relação de desejo que Dora estabeleceu com seu pai inconscientemente também responde a enurese noturna e o chupar o dedo. Diante do ciúme delirante de seu objeto amado, Dora, chega a odiar a amante do mesmo, demonstrando o caráter patológico e psicótico do delírio. Em ênfase, o ciúme produzido pelo amor proibido foi capaz de reproduzir a sua tão amiga, um amargo e doloroso repúdio, manifestado pela certeza de posse de seu pai que a amante tinha.

Para Guerra (2010), a estruturação dos conteúdos paranoicos aparece como um modo subjetivo de fugir de algo que não se deseja, tornando-se um mecanismo de defesa patológico ao ser humano, conforme estabelece Freud (1920/1922). As representações do afeto se propagam como um recalque afetivo, ou seja, não havendo a satisfação do ego em relação ao objeto, o sujeito apresenta um fragmento delirante, é o que ocorre na camada do ciúme delirante. De acordo com a autora, os

processos psíquicos buscam se manifestar de forma que o objeto amado exerce o papel de transformador, fazendo com que o recalque do ciumento, não se resume ao objetivo de conseguir o objeto amado.

2.2. A visão de Klein

Melanie Klein, teve uma enorme importância dentro da psicanálise e uma de suas maiores contribuições, enquanto psicanalista, foi abrir campo de entendimento da psicologia para as crianças. Em seu trabalho, inveja e gratidão, Klein (1946/1963), postulou que a raiz dos conteúdos do inconsciente e as ocorrências que se seguem nos processos do psiquismo humano, ocorrem por volta dos três anos de idade. Em sua teoria, Klein, afirma que os afetos, ocorrem nas relações primárias, postulando também a ideia de que existe o amor e o ódio e que ambos comungam do mesmo espaço e se comunicam nas relações com o objeto amado.

Em sua teoria Klein (1946/1963), chama a atenção para dois antagônicos que se ligam ao sujeito e ao objeto, a inveja e a gratidão. Para ela, as ansiedades que surgem na infância podem se tornar conteúdo recalçado. O entendimento da autora é de que os traumas acabam por explodir, se transformando em fixação, psicoses e distúrbios. O que Klein quer trazer como novidade em sua tese, é que a personalidade psicótica é conteúdo do ego e do superego que se fundem e distorcem a percepção do sujeito em relação ao objeto, considerando que o primeiro objeto de desejo, dentro da psicologia do desenvolvimento, é o seio materno, o qual por sua vez, assume uma representação de seio bom ou mau. Considerando as exposições de Freud, sobre o complexo de Édipo, Klein estabeleceu que o Édipo ocorre no segundo semestre do primeiro ano de idade do bebê.

As postulações de Klein (1946/1963), trazem à psicanálise novidades e mexe com a mente humana, diante da complexidade que a autora expõe sobre a teoria do apego, das relações amorosas e claro, dos processos psicológicos do sujeito. A teoria da autora explora e chama a atenção para o comportamento do bebê em relação a sua afetividade com a mãe, ainda nos primeiros contatos. Disponde que a pulsão destrutiva, apresenta-se como “ataques sádicos” contra o objeto desejado, ou seja, a pulsão de morte que Freud (1920/1922), trouxe como uma repressão, para Klein (1946/1963), esta já se apresenta como forma de causar dor e sofrimento ao objeto amado. O ciúme então engloba as pulsões de dor e sofrimento como causa de

compensação. Diante da repressão e do recalque dessas emoções, ocorrem os possíveis transtornos durante a fase adulta, os quais são responsáveis pelo sofrimento psíquico do sujeito.

A autora segue discordando da teoria das pulsões freudianas e estabelece que não somente o que o sujeito entende como ruim se introjeta, mas o que o mesmo aprendeu como bom, estabelece algo de bom, na composição do ego. Klein (1946/1963), considera que na formação do ego, o bebê, estabelece relações com o seio mau, os quais logo irão ser reprimidos como forma de fantasias, reafirmando que as fantasias recalçadas são responsáveis por se transformarem em relações emocionais, considerando que o bebê é capaz de produzir o pensamento de introdução de formação do ego, materializando o objeto ao self. A partir deste entendimento da autora, infere-se que no processo de ciúme, a fantasia recalçada, ao explodir, busca então a materialização do primeiro objeto como forma de satisfação dos desejos, fazendo uma verdadeira cisão do objeto a si.

Percebe-se que a teoria da autora, é clara em relação a formação dos laços afetivos, e no cotidiano do sujeito, é possível perceber pessoas que se sentem incompletas e que buscam no outro sua imagem ou a imagem do seu primeiro amor, neste caso, da mãe. A desordem emocional, formulada durante os primeiros meses de vida, conforme teorizou Klein (1946/1963), se transforma em um divisor de água na vida do sujeito, e o self perde sua posição em busca da complementação do ideal do ego, por muitas vezes, separando os sentimentos e os processos psicológicos.

Sobre os desejos libidinais, Klein (1946/1963), estabeleceu uma ligação em relação a sua representação, postulando que as agressões ao objeto passam e transformam os impulsos e fantasias em desejos orais, uretrais e anais. Entende, a partir disso, que o self (autoimagem) mau, ou seja, aquilo que aprendeu como seio que não o satisfaz, inclusive na hora da sucção, se transforma em uma força de dominação e controle sobre o objeto. Mais uma vez a figura do ciúme dentro da teoria de Klein, assume uma imagem de neurose e obsessão em relação ao objeto.

Sobre a relação narcisista, a autora afirma que estes sempre irão dispender para um decurso de obsessão, como a necessidade de manipulação do outro, teorizando que estes processos obsessivos são a imagem nítida das repressões e fantasias infantis. A autora neste sentido, concorda com Freud (1923/1925), estabelecendo o consenso em relação a deformação da construção do ego, a partir dos desejos libidinais reprimidos e acaba por comparar o seu entendimento sobre o

impulso destrutivo como representação da pulsão de morte apresentada por Freud. Por fim, sobre o caso Schreber, Klein considera que o ego em relação ao ciúme é capaz de atentar contra ele mesmo, utilizando o impulso destrutivo para também atentar contra o próprio ego, o que, claro, culmina nos processos psicóticos.

Corroborando com a ideia de Freud (1930), Klein (1943/1963), expressa que o sentimento de culpa do sujeito está relacionado às pulsões de morte, sendo representados pela agressividade sobre o sujeito, especificamente dos desejos reprimidos que participam da vida do sujeito como os impulsos agressivos em relação ao primeiro objeto libidinal do bebê. Também comungando com a teoria de Freud, a autora estabeleceu que o sentimento de culpa se dissocia a partir das compulsões e repetições, satisfazendo assim, as relações de recalque decorrentes do desejo dirigido ao objeto amado.

Sobre a importância do desenvolvimento emocional, Klein (1946/1963), concluiu que o mais importante nesta formação dos sentimentos do sujeito em relação ao objeto está na mãe. Desta forma, a autora julga que a gratidão é capaz de produzir sentimentos de inveja no que tange o amor, fato que causa distorção na percepção do sujeito sobressaltando-se na formação da personalidade. Continuando a idealização de Klein, a inveja configura um sentimento destrutivo, derivado do sentimento de amor do seu objeto primário de desejo, neste caso, infere-se o seio materno. Klein, portanto, distingue o sentimento da inveja do ciúme, conforme grifo:

Deve-se fazer uma distinção entre inveja, ciúme e voracidade. A inveja é o sentimento raivoso de que outra pessoa possui e desfruta algo desejável — sendo o impulso invejoso o de tirar este algo ou de estragá-lo. Além disso, a inveja pressupõe a relação do indivíduo com uma só pessoa e remonta à mais arcaica e exclusiva relação com a mãe que ciúme é baseado na inveja, mas envolve uma relação com, pelo menos, duas pessoas; diz respeito principalmente ao amor que o indivíduo sente como lhe sendo devido e que lhe foi tirado, ou está em perigo de sê-lo, por seu rival. Na concepção corriqueira de ciúme, um homem ou uma mulher se sente privado, por outrem, da pessoa amada. (KLEIN, 1946/1963, p. 213).

Dessa forma, na visão de Klein (1946/1963), o ciúme resume-se ao medo de perder, enquanto a inveja, produzida pelas paixões, produz o sentimento de dor e sofrimento em ver alguém possuir aquilo que é seu. A autora ainda infere que o crime passional, quando produzido sob efeito do ciúme tende a ser menos voraz e cruel, já quando é produzido sob influência da inveja, é mais doloroso, haja vista, o ciúme representa a relação boa em relação ao objeto. Todavia, considera que existe uma relação que liga, ciúme, voracidade e inveja.

Klein (1946/1963), estabelece que a inveja, quando em excesso, acaba por assimilar-se a traços paranoicos, o que se infere no ciúme patológico. Ela reafirma, em sua teoria, o fato de que o primeiro objeto que pode ser atacado em detrimento do ciúme é o seio que alimenta, ou seja, a inveja destrói o seu objeto de desejo e amor.

Concluindo, portanto, em sua tese, Klein (1946/1963), estabelece que a gratidão é o sentimento mais puro e sublime em aversão a inveja, que o ciúme emana do complexo de Édipo, devido a inveja do seio da mãe e do pênis do pai, e que o ciúme se apresenta acompanhado das pulsões de morte e do ódio. Todavia, o ciúme é mais aceitável que a inveja, reafirmando que quando esta se apresenta de tal forma excessiva, torna-se então uma paranoia.

A visão de Klein (1946/1963), é muito clara sobre a pulsão de vida e morte postulada por Freud, sobre a inveja e o ciúme, e sobre o amor e as paixões. Corroborando com o pensamento da autora, pode-se inferir que ao se tornar uma paranoia, deixa de se apresentar como um sentimento positivo e se torna um sentimento perigoso, capaz inclusive de destruir seu objeto amado, em detrimento de se sentir bem. Seria também entendido que o ciumento paranoico, é um sujeito egoísta. Pois interligando o que Freud (1930), postulou, o sentimento do ciúme também se interpela ao sentimento de posse, de poder, de narcisismo, comungando sobre as representações do ego ideal, em que se transfere a sua fome de poder ao objeto amado.

2.3. A visão de Lacan

As postulações de Lacan, sobre o ciúme, começam em 1953/1954, quando o autor utiliza da teoria Freudiana em relação ao complexo de Édipo, que expõe o amor pela mãe e o ódio pelo pai. Reconhece como o cunho principal que desencadeia as relações emocionais e humanas, justamente, o aparecimento do Édipo, haja vista, considera que é durante este processo que ascende o desejo das pulsões sexuais. O autor também considera que as fantasias são direcionadas para o objeto como processo interjetivo e adentra as questões da neurose e psicose, fazendo referência ao caso da paranoia do caso Schreber.

Lacan (1953/1954), estabelece que, nas concepções neuróticas, postuladas por Freud, deve considerar-se duas coisas: primeiro a relação que o sujeito estabelece com a sua identificação com sua relação primária de afeto e, em segundo lugar, a

supervalorização do objeto que é uma distorção de sua imagem. Verifica-se que o ciumento neurótico transfere todas as suas expectativas ao objeto amado, substituindo o real pelo imaginário, que é o seu delírio em função de uma traição que não existe. Além disso, ao excesso do amor introjetado como a imagem do eu, estabelecendo sua teoria do espelho, Lacan estabelece então esta projeção do ideal do ego.

Ao escrever a teoria do espelho, aquela que o autor considerou que somente pode-se enxergar características em outras pessoas, as quais já existam dentro de si mesmo. Lacan (1953/1954), postula que o objeto amado, a partir da visão do outro é apresentado como verdadeiro investimento amoroso, do qual satisfaz totalmente suas vontades, culminando no que ele chama de perversão da realidade. Sugere-se na visão do autor, uma ilusão adquirida em relação ao objeto amado, supervalorizando-o, construindo a partir de aí, as neuroses. Para ele, a satisfação do sujeito está no estímulo externo, fora de si, estímulo este que é entendido como o objeto amado, transferindo todos os desejos libidinais a este objeto.

Parafraseando, Freud (1920/1922), Lacan (1954), diz que estar apaixonado é como estar louco e afirma que o amor, ao se tornar neurótico, acaba por desencadear sentimentos mortais, pois o ego transfere ao objeto a sua imagem de idealização, estabelecendo a conexão do desejo libidinal recalcado. Sobre o ciumento delirante, o autor estabelece que este, acaba por estar morto, vivendo entre os vivos, sendo o seu comportamento distorcido em relação ao objeto, a prova disso. O autor então, acaba afirmando que geralmente o processo de fracasso da introjeção ocorre na dissipação do complexo de Édipo, descrevendo um comportamento agressivo do ciumento delirante quando este sente medo de perder o objeto amado e transformando a sua relação em uma rivalidade brutal, conforme explica:

O desejo do sujeito só pode, nessa relação, se confinar através de uma concorrência, de uma rivalidade absoluta com o outro, quanto ao objeto para o qual tende. E cada vez que nos aproximamos num sujeito, dessa alienação primordial, se engendra a mais radical agressividade - o desejo do desaparecimento do outro enquanto suporte do desejo do sujeito (LACAN, 1954, p. 199).

O entendimento de Lacan (1954), sobre a dissolução do Édipo, explicita que o desejo introjetado, ou seja, aquilo que se experimenta exteriormente e acaba por interpor ao seu interior, que acaba por eclodir em uma representação do desejo ao objeto, como uma forma de evolução do ego ideal, transpondo-se em assunção do

estado do espelho, conforme descrito em sua teoria. Corroborando com Klein (1943/1953), quando a mesma estabeleceu a relação mortal e destrutiva a partir do seio mau, também estabelecendo que a agressividade é um sentimento que deriva desse desejo de recalque da criança em relação ao primeiro objeto de desejo, o seio da mãe. Faz, assim, uma ponte entre a importância do complexo de Édipo e a experiência dos fenômenos psicológicos do sujeito, inferindo que é um processo decisivo dentro da psicologia do desenvolvimento humano.

Em 1964, Lacan, teoriza que a psicanálise é a “ciência” que representa os conteúdos do inconsciente, constituindo o sujeito a partir do complexo de Édipo, considerando que a metade sexual é o que caracteriza o sentimento do amor como a realização do desejo pulsional. Pode-se inferir que o ciumento delirante se encontra ao possuir o objeto como seu, utilizando o mesmo como um troféu e se tornando dependente do outro, o que se manifesta como a representação do amor, mas que, na verdade, seria a representação da neurose obsessiva.

2.4. Ciúme e as relações humanas contemporâneas – relações monogâmicas e poligâmicas; relações heteroafetivas e homoafetivas; feminicídio e outros crimes

Conforme exposto, as dicotomias (oposição) entre as pulsões de vida e morte, amor e ódio, ciúme e possessão, estão presentes dentro das relações afetivas. Estas possuem pilares que devem ser considerados quando se estabelecem. Isso não se difere da forma como elas se apresentam, seja uma relação entre dois homens, duas mulheres, entre um homem e uma mulher, entre várias pessoas que assumem uma forma diversificada e livre de demonstrar seu amor ou ainda as pessoas que trazem uma construção cultural de amor monogâmico. É preciso verificar se nestas relações estão presentes, o respeito, a dignidade, o desejo e a empatia.

Lins (2017), considera que o maior erro dentro da construção de uma relação afetiva é pensar que ao encontrar o outro, encontrou alguém perfeito. A autora diz que os desencantos das relações são sempre existentes e se intensificam quando se descobre que o outro não é apenas um objeto, mas que é um sujeito também como nós, com sentimentos, visão de mundo e cultura, os quais se distingue das do outro. A autora chama a atenção para a formulação ideológica que se tem nas relações contemporâneas do que realmente é um casal. Sugere-se que a relação do

casamento, quando parte do pressuposto de um tomar posse do outro, viver a mesma vida traz uma enorme dificuldade em satisfazer as questões do prazer sexual.

Sabe-se que nas relações antigas, antes do século XX, as mulheres eram apenas objetos sexuais de seus maridos e não podiam ao menos sentir prazer, de acordo com as convicções religiosas. Mais que isso, não podiam escolher seus maridos, com quem deveriam dividir suas vidas pelo resto delas. Ao ser modernizado, o namoro passou a ser também momento de guarda e vigia pelos pais. A paixão nasce antes da relação afetiva e é através dela que surge o desejo em relação ao outro. É a paixão que mostra o quanto se está. Quando por gostar demais, acaba por sofrer pelo outro, com muita intensidade (LINS, 2017).

Para Lins (2017), o amor pode assumir a forma de dependência emocional e se confundir. A autora especifica que a dependência do outro é a perda do amor próprio, isso acontece quando ocorre a necessidade da presença do outro para que o sujeito se sinta bem, feliz e realizado. A autora idealiza que existe uma dificuldade em relacionar o ciúme ao sentimento de posse, até porque o amor é representado no cuidado. Cita, ainda, que o ciúme da criança pela mãe é uma relação de medo de perder, de que ela vá embora, de que o mesmo fique sozinho.

Lins (2017), estabelece que, nas relações monogâmicas, o ciúme pode fazer-se mais presente, como forma de demarcar o território. Lins, afirma que as repressões do desejo libidinal, acabam por irromper-se em relações ocultas, o que configuram as traições. Para ela, é muito comum que o ciumento estabeleça controle sobre outro como forma de confundir o sentimento de amor com o domínio.

Perfazendo o entendimento da autora (Lins, 2017), percebe-se que, cada vez mais, as relações contemporâneas vêm sofrendo modificações e estabelecendo novos conceitos se transformando em relações abertas como uma opção de deixar o outro ser livre. O amor pode assumir várias formas, e uma delas, conforme o entendimento da autora, é de que o sujeito não é um objeto pronto, o que sugere as formas variadas como este apresenta seus sentimentos, citando casos de uma relação entre duas mulheres e um homem. A autora estabelece que as relações livres são potencialmente uma produção da liberdade em função do respeito aos desejos do outro. Dentro das relações poliamorosas, ocorre também uma liberdade que valoriza o afeto.

Conforme entendimento de Lins (2017), o ciúme se difere de possessão dentro dos relacionamentos contemporâneos, porque a possessão é contrária à própria

essência do amor. Para a autora, os poliamoristas entendem que o tudo o ciúme e à possessão causam danos ao outro e acabam por danificar as relações, por isso se mostram contrários. Para Lins (2017), o amor caracteriza-se pelo cuidado em conhecer e explorar o mundo das relações afetivas a partir de relacionamentos diversos.

Silva (2010), abre uma discussão sobre o transtorno borderline ou da personalidade limítrofe, no qual seus portadores ardem em ciúmes, crises que se apresentam diariamente na vida do sujeito sob forma de constrangimentos, intempéries e aborrecimentos. A autora especifica que pessoas portadoras deste transtorno se apresentam com sentimentos de inferioridade e com pensamentos disfuncionais, com a ideia de que não têm valor próprio. A autora expõe que as relações vivenciadas por pessoas portadoras de borderline se apresentam como controle total sobre o objeto amado, um ciúme dominante capaz de controlar cada passo daquele que dizem amar, inclusive apresentam comportamentos compulsivos, narcisistas e psicopatas.

Silva (2010), ainda estabelece uma comunhão com a teoria Freudiana (1920), em que as compulsões descendem dos desejos e fantasias recalcadas, que entende que o delírio nas pessoas com borderline, costumam transformar todo o bem introjetado, em sentimento ruim, o que já foi postulada por Klein (1957), em seu artigo, inveja e gratidão.

Hardy e Easton (2020), configuram o pensamento relativo ao ciúme sobre todos os tipos de relacionamentos dentro da contemporaneidade. Afirmando que este era para ser um sentimento de cuidado, do ponto de vista delas, as relações atuais e consideradas livres, como é o poliamor, seriam o maior obstáculo entre o amor e a felicidade dos envolvidos. Todavia, fazem um alerta de que a monogamia também não se apresenta como uma cura para as representações do ciúme. As autoras estabelecem que o sujeito deve lidar diariamente com uma luta interna, a fim de que se produza efeito contra o ciúme, afirmando que dele também pode haver outros tipos de sentimentos destrutivos, como a raiva e o ódio.

Sob a ótica das autoras Hardy & Easton (2020), o ciúme pode se apresentar de uma forma branda, com a qual o sujeito consegue lidar, mas também pode apresentar-se de forma que arrasta o sujeito aos mais obscuros desejos sombrios de sua mente, que pode produzir comportamentos destrutivos, além de conflitos com várias pessoas. Além disso, consideram, como Freud (1920/1922), que o ciúme quando projetado é

uma de defesa que o ciumento utiliza para tirar de si o sentimento de dor, culpa e sofrimento, produzindo no parceiro sentimentos de desconforto. As autoras também referem o ciúme normal de Freud, postulando que este se liga a sentimentos de posse e competitividade e frisam que o sentimento do ciúme não é algo proibido, mas este deve ser erradicado quando se apresenta com comportamentos agressivos, dolorosos, de raiva ou que não cabe em nosso cotidiano.

Em seu livro, *a paixão no banco dos réus*, Eluf (2007), expõe vários crimes que ocorreram em “nome do amor”. A autora define o crime passionai como aqueles que resultam de relações sexuais e amorosas. Eluf, expõe que, por muitas vezes, pode-se pensar que matar por amor é uma atitude nobre, ou seja, o sujeito não consegue lidar com a perda do objeto amado e acaba por matá-lo. Na visão da autora, porém, este é apenas o resultado de um sentimento de ciúme possessivo e obsessivo, o qual o ciumento se intitula dono do objeto e acaba por transformar suas paixões descontroladas em pavor, medo e possessão.

Eluf (2007), explica que a paixão não é o único motivo para matar, mas o ciúme delirante que busca explicar uma traição. O ciumento delirante, conforme postulações da autora, sempre irão culminar em um desejo de violência e agressividade a ponto de atentar contra a vida do próprio objeto amado. Isso se encontra em conformidade com o que Freud, postulou, em 1930, quando escreveu: “O sentimento de culpa é uma expressão do conflito devido a ambivalência da eterna luta entre Eros e a pulsão de destruição e morte. (...) No fim das contas, o que se transforma em sentimento de culpa é tão somente a agressividade”. (Freud, 1930, p. 131-133).

Partindo desta premissa, a autora utiliza-se do romance de Shakespeare, (1603), *Otelo*, onde o mesmo mata em nome de uma traição delirante e ainda admite a culpa em nome de sua “honra”, fazendo entender que o feminicídio havia sido praticado por ele não aceitar traição, ou seja, a culpa de matar não seria sua, mas de sua companheira. Este fato é ainda culturalmente disseminado por homens que não aceitam perder o que consideram ser seu objeto de cuidado.

Verifica-se que nos dias atuais, isso é muito frequente. Quantas mulheres são vítimas de seus maridos, que acabam por matá-las impiedosamente, atribuindo o seu sentimento de culpa ao ciúme e a traição que é fruto de seu delírio? Para Eluf (2007), a motivação de matar, justifica-se em nome do direito de posse que o sujeito acredita ter sobre o objeto amado. A autora ainda descreve que não há amor se não houver ciúme, ambos estão intrinsecamente ligados, referindo que existe amor entre pais e

filhos, entre irmãos, entre amigos, ou seja, este é um sentimento inato ao ser humano. Para a autora o ciúme é a representação da distorção e deformação do amor.

Segundo análise de Meneghel e Portella (2017), mais de setenta por cento dos crimes, cometidos contra as mulheres, são cometidos por seus parceiros sexuais ou companheiros. As autoras ainda concluem como agravante que, em sua maioria, esses crimes emanam de agressão sexual, o que vai de encontro ao entendimento da literatura, conforme descrição de Eluf (2007):

A literatura traz poucos casos de mulheres que mataram seus companheiros. A vida real é também assim; nossos tribunais raramente se defrontam com casos de mulheres possessivas e vingativas que não suportaram a rejeição de seus amados e se acharam no direito de matar (ELUF, 2007, p. 162).

Sobre este fato, há um caso bem antigo de feminicídio, datado de 1873, que Eluf (2007), cita em sua obra. O crime foi cometido por um homem, considerado dono da lei, desembargador, que apaixonado por uma prostituta, uma garota com dezessete anos de idade, acaba por matá-la em nome do amor e do ciúme. O desembargador de sessenta e dois anos, acabou com toda uma vida que ainda começava, por egoísmo e por não aceitar a rejeição. De acordo com o relato da autora, a relação conturbada foi marcada por escândalos, obsessões e ciúmes. O homem possuído pelo desejo de casar-se com a vítima e negando a rejeição, planeja tudo e mata a vítima. O mais espantoso no caso é o entendimento da defesa que alega insanidade mental provocada por ciúme, inspirados por uma mulher perdida.

Entendendo os contextos socioculturais, verifica-se que Mariquinhas, a pobre garota prostituída pela própria mãe, que, queria casá-la à força com o desembargador. Não teve nenhuma forma de se defender do amor doentio de seu namorado, muito mais velho que ela.

O mais triste que se percebe é que, no cotidiano, existem muitas “Mariquinhas” que são vítimas de uma sociedade machista e dominadora. Não importa o nome, a imagem que tenha, a identidade, o que mais importa é conseguir dominar os seus demônios que se apresentam em forma de ciúmes. Confirma-se, portanto que os desejos insanos, recalcados, são capazes de reproduzir no outro, dor e sofrimento, percebendo-se que do normal ao patológico, o ciúme mata, não somente o corpo, mas a alma, a dignidade e a liberdade de quem se ama, ou ao menos se acredita amar. Vida e morte, bom e ruim, certo e errado, o sujeito ainda consegue dominar seus sentimentos, quando age com a razão. Eluf, (2007)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a exposição das diversas visões psicanalíticas em busca de uma resposta para o ciúme enquanto sentimento inato ao ser humano, normal ou patológico, como uma possessão do ser humano ao objeto amado ou ainda como uma forma de paranoia, são trazidas, agora, pontuações gerais. Sob a visão dos autores clássicos da psicanálise, esta que foi tida como o método de pesquisa do inconsciente por seu fundador Freud, (1886/1889), e em seguida confirmado pelos que comungam do mesmo pensamento, porém autores mais atuais, pode inferir-se que, o ciúme é sim o sentimento inato ao ser humano, como todos os outros que participam ativamente dos processos psicológicos do sujeito.

Evidenciou-se, com objetividade, conforme especificado as deduções de cada autor indicado, elucidando-se que este sentimento apesar de inato, pode sofrer exasperação, as quais acabam por culminar em um sentimento patológico ao ser humano. Freud postulou que o ciúme é um sentimento de desejo reprimido, o qual sofre influências culturais e sociais, bem como classificou este sentimento em três camadas.

Klein, por sua vez, denomina que o ciúme é um sentimento reprimido ainda nos primeiros meses de vida em relação ao seu primeiro objeto de desejo, que é o seio materno e Lacan, por fim, estabelece que o ciúme é parte de uma introjeção do ego ideal, que surge das fantasias de desejo, reprimidas no inconsciente. Ocorre então uma concordância no entendimento principal do ciúme sob a visão de todos os autores abordados: de que o complexo de Édipo é, sim, o que define o processo de caráter que se liga ao sentimento do ciúme e quando mal vivenciado ou deturpado acaba por produzir comportamentos irregulares no cotidiano do sujeito em relação às representações do ciúme.

Foi possível observar que houve uma relação do entendimento dos autores e, que de acordo com essas visões, observou-se nas relações atuais, que o ciúme, quando patológico, pode matar. Isso porque se confunde com a pulsão de vida, que Freud postulou desde o início de seu trabalho. A pesquisa contribuiu, no entanto, para entender o ciúme tanto como sentimento bom, quanto como mal, bem como estabelecer e definir os conceitos envolvidos. Pode-se entender que, algumas relações contemporâneas, tentam superar o ciúme a partir das relações livres, mas

que a cultura da monogamia ainda é entendida como uma forma de conservar o objeto amado como seu. Fato que produz no ser humano o real sentimento de posse em relação ao outro, ou seja, de poder, de mandar, de ter, de possuir. Provado que ciúme está ligado a inveja como postulou Klein, Viorst, (2019), expôs de uma forma muito suscinta e assertiva, quando disse que não foi Freud quem criou o ciúme, mas que este já existe desde os primórdios, citando o caso bíblico, em que Caim, matou Abel por ciúmes e inveja.

Concluindo, percebe-se que os processos psicológicos, são influenciados pelas pulsões de vida e morte, pelo amor e ódio, pelo ciúme e neurose, pelos fatores éticos, culturais e sociais e, também, pela inveja e gratidão. Não havendo um equilíbrio desses processos, ocorre por fim a morte em razão da vida, do poder, do ego ideal, conforme ocorre quando o ciúme assume a forma de neurose obsessiva e projeta o eu ideal no objeto amado. É possível deduzir que muitas mulheres ainda sofrerão abusos e morte em nome do amor.

4. REFERÊNCIAS

ALMIRO, P. A. **Uma nota sobre a desejabilidade social e o enviesamento de respostas**. Aval. psicol. vol.16 no.3 Itatiba jul./set. 2017. [online]. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712017000300001. Acesso em: 21 de set. de 2021.

BALLONE, G. J. **Ciúme patológico**. [online]. Disponível em: <http://www.psiqweb.net>, 2016. Acesso em: 22 de ago. de 2021.

BALLONE, G. J. **Histórias do ciúme patológico: identificação e tratamento**. [recurso eletrônico]. Barueri: Manole, 2010.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 1974. Tradução: Arlene Caetano. [recursos eletrônicos]. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1997.

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. [recurso eletrônico]: DSM-5 / [American Psychiatric Association; Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento ... *et al.*]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli. [*et al.*]. – 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ELUF, L. N. **A paixão no banco dos réus: casos passionais célebres de Pontes Visgueiro e Pimenta Neves**. [recurso eletrônico]. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

FERREIRA, N. P. **A teoria do amor na psicanálise**. [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FORWARD, S. BUCK, C. **Amores obsessivos: quando a paixão o faz prisioneiro**. Tradução: Elisabeth Lissovski. [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

FREUD, S. **Projeto para uma psicologia científica**, 1895. In:_____. Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 333-443. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

FREUD, S. **A sexualidade na etiologia das neuroses**, 1898. In:_____. Primeiras publicações psicanalíticas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 251-274. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 3).

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**, 1905. In:_____. Um caso de histeria e Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 163-195. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

FREUD, S. **Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental**, 1911. In:_____. O caso de Schreber e artigos sobre técnica. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 231-244. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

FREUD, S. **Repressão**, 1915. In:_____. A história do movimento psicanalítico. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 145-162. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

FREUD, S. **Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico**, 1916. In:_____. A história do movimento psicanalítico. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 321-350. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

FREUD, S. **Conferência XXVI: A teoria da libido e o narcisismo**, 1917. In:_____. Conferências introdutórias sobre psicanálise (continuação). Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 413-431. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 16).

FREUD, S. **Conferências introdutórias sobre psicanálise**, 1917 parte III, In:_____. Teoria geral das neuroses: conferência XXI – O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. **Conferência XVIII: Fixação em traumas - o inconsciente**, 1917. In:_____. Conferências introdutórias sobre psicanálise (continuação). Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 281-292. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 16)

FREUD, S. **Conferência XXIV: o estado neurótico comum**, 1917. In:_____. Conferências introdutórias sobre psicanálise (continuação). Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 379-392. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 16).

FREUD, S. **Além do princípio de prazer**, 1920. In:_____. Além do princípio de prazer. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 11-75. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

FREUD, S. **Psicologia de grupo e a análise do ego**, 1921. In:_____. Além do princípio de prazer. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 77-154. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

FREUD, S. **O ego e o id**, 1923. In:_____. O ego e o id. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-72. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD, S. **O problema econômico do masoquismo**, 1924. In:_____. O ego e o id. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 173-188. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**, 1930 [1929]. In:_____. O futuro de uma ilusão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 65-147. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

FREUD, S. **Conferência XXXIV: explicações, aplicações e orientações**, 1932. In:_____. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 135-154. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 22).

FREUD, S. **Esboço de psicanálise**, 1940 [1938]. In:_____. Moisés e o monoteísmo três ensaios. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 151-222. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 23).

GUERRA, Andréa. M. C. **A Psicose**. [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

HARDY, J. W.; EASTON, D. **Ética do amor livre: guia prático para poliamor, relacionamentos abertos e outras liberdades afetivas**. Tradução: Christiane Kokubo. [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Elefante, 2020.

KLEIN, M. **Inveja e Gratidão e outros trabalhos**. 1946-1963. Tradução: Elias M. da Rocha, Liana P. Chaves. [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LACAN, J. **O seminário: livro 1: os escritos técnicos de Freud**. 1953-1954. Tradução: Betty Milan. [recurso eletrônico]. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

LACAN, J. **O seminário: livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Tradução: M.D. Magno. [recurso eletrônico]. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LINS, R. N. **Novas formas de amar nada será como antes: grandes transformações nos relacionamentos amorosos**. [recurso eletrônico]. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

MENEGHEL, S. N. PORTELLA, A. P. **Femicídios: conceitos, tipos e cenários. Ciências saúde coletiva**. 22 (9) set. 2017. [online]. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232017229.11412017>. Acesso em: 2 de set. de 2021.

RISO, W. **Amores de alto risco, os estilos afetivos pelos quais seria melhor não se apaixonar: como identificá-los e enfrentá-los**. [recurso eletrônico]. Porto Alegre: L&PM editores, 2010.

SILVA, A. B. B. **Corações descontrolados: ciúmes raiva e impulsividade: o jeito borderline de ser.** [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

VIORST, J. **Perdas Necessárias.** Tradução: Aulyde S. Rodrigues. 5 ed. São Paulo: Melhoramentos, 2019.